

**JAQUELINE FONSECA RODRIGUES
(ORGANIZADORA)**

ELEMENTOS DA ECONOMIA 2

Jaqueline Fonseca Rodrigues

(Organizadora)

Elementos da Economia 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E38	Elementos da economia 2 / Organizadora Jaqueline Fonseca Rodrigues. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Elementos da Economia; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-319-4 DOI 10.22533/at.ed.194191405 1. Economia. 2. Economia – Política e governo. I. Rodrigues, Jaqueline Fonseca. II. Série. CDD 330.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A edição do volume 1 – **Elementos da Economia 2** traz em sua essência o entendimento da economia e a familiarização com os termos envolvidos na área de economia.

Pode-se enfatizar que a **Economia** faz parte das ciências sociais que estudam fenômenos que ocorrem na esfera da estrutura econômica, ou em outras esferas que terminam por afetar a estrutura econômica.

A economia é considerada uma **ciência social** porque a **ciência social** estuda a organização e o funcionamento das sociedades assim, pode-se dizer que a **Ciências Econômicas** ocupam-se do comportamento humano, e estudam como as pessoas e as organizações na sociedade se empenham na produção, troca e consumo dos bens e serviços.

O surgimento de “**falhas de mercado**” pode ocorrer devido ao fato de os agentes econômicos envolvidos não contabilizarem os impactos sociais das escolhas econômicas efetuadas, normalmente derivadas de decisões políticas provenientes de estudos econômicos. Através do vasto estudo econômico as políticas micro e macroeconômicas tendem a inserirem outras partes do complexo contexto social, os quais não foram inseridos em momentos decisórios da formulação e aplicação de estas.

Nota-se a elevada importância da inclusão de temas que englobem aspectos sociais e setor público, visando a constituição de uma sociedade que possa promover justiça, igualdade, que seja bem-sucedida e desta maneira, organizada.

Conforme os contextos exibidos, o objetivo deste livro é a condensação de formidáveis pesquisas envolvendo a esfera social e o setor público de modo conjunto através de instrumentos que os estudos econômicos propiciam.

O principal destaque dos artigos é uma abordagem de Elementos da Economia, através da apresentação de sistemas de informação em saúde, agricultura familiar, acordos comerciais, análises financeiras, mercado de trabalho, os quais destacam as aplicações práticas e metodológicas, além da contribuição para que se interprete as relações econômicas, sociais e de cunho político.

A preferência pela escolha efetuada inclui as mais diversas regiões do país e aborda tanto questões de regionalidade quanto fatores de desigualdade promovidas pelo setor econômico brasileiro.

Necessita-se destacar que os locais escolhidos para as pesquisas exibidas, são os mais variados, o que promove uma ótica diferenciada na visão da ciência econômica, ampliando os conhecimentos acerca dos assuntos apresentados. A relevância ainda se estende na abordagem de proposições inerentes ao Desenvolvimento Regional e Territorial; Gestão da Produção e Inovação, envolvendo Agroecologia, apresentando questões relativas à sociedade e ao setor público.

Enfim, esta coletânea visa colaborar imensamente com os estudos Econômicos,

Sociais e de Políticas Públicas, referentes ao já destacado acima.

Não resta dúvidas que o leitor terá em mãos respeitáveis referenciais para pesquisas, estudos e identificação de cenários econômicos através de autores de renome na área científica, que podem contribuir com o tema. Além disso, poderá identificar esses conceitos em situações cotidianas e num contexto profissional.

Jaqueline Fonseca Rodrigues
Mestre em Engenharia de Produção pelo PPGEP/UTFPR

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A INTEROPERABILIDADE DOS SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE COMO PROPOSTA DE INOVAÇÃO EM SAÚDE	
Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes Rosana Alves de Melo Saulo Bezerra Xavier Ana Lígia Passos Meira Jobson Maurilio Alves dos Santos Maria Grasiela Alves de Figueiredo Lima Roseane da Silva Lemos	
DOI 10.22533/at.ed.1941914051	
CAPÍTULO 2	9
A PERCEPÇÃO DOS MORADORES DAS CIDADES DE PETROLINA-PE E JUAZEIRO-BA ACERCA DA AGRICULTURA FAMILIAR DO VALE DO SÃO FRANCISCO	
Murilo Campos Rocha Lima Renata Marques de Menezes Mota Fernanda Quintanilha da Silva Andréia Cipriano de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.1941914052	
CAPÍTULO 3	24
ANÁLISE DOS IMPACTOS ECONÔMICOS NAS MACRORREGIÕES BRASILEIRAS DOS ACORDOS DE LIBERALIZAÇÃO COMERCIAL ENTRE BRASIL E CHINA	
Angélica Pott de Medeiros Daniel Arruda Coronel Reisoli Bender Filho	
DOI 10.22533/at.ed.1941914053	
CAPÍTULO 4	36
ANÁLISE FINANCEIRA E ECONÔMICA DO MUNICÍPIO DE CATALÃO-GO: UM ESTUDO DE CASO	
Márcio do Carmo Boareto Euclides Fernandes dos Reis Vanessa Bitencourth dos Santos Sara da Costa Fernandes Vagner Rosalem	
DOI 10.22533/at.ed.1941914054	
CAPÍTULO 5	44\
CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL DA AGROINDÚSTRIA BRASILEIRA NOS ANOS 2006 A 2015	
Bruna Costa de Paula Adriana Estela Sanjuan Montebello	
DOI 10.22533/at.ed.1941914055	

CAPÍTULO 6	61
COMÉRCIO EXTERIOR E POLÍTICA COMERCIAL NO BRASIL: REFLEXÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS ACERCA DA INSERÇÃO INTERNACIONAL BRASILEIRA	
Tobias de Paula Lima Souza Lucas Ayres Costa	
DOI 10.22533/at.ed.1941914056	
CAPÍTULO 7	84
COMPETITIVIDADE DO SETOR AUTOMOBILÍSTICO BRASILEIRO NO MERCOSUL	
Patricia Kischner Cristiane Ivete Bugs Vione Andressa Neis Luana Rigo	
DOI 10.22533/at.ed.1941914057	
CAPÍTULO 8	96
DESENVOLVIMENTO REGIONAL EM MATO GROSSO DO SUL: UMA ANÁLISE PARA A REGIÃO SUL- FRONTEIRA NO PERÍODO DE 2000 A 2010	
Natalia Bogado Balbuena Vinícius Vasconcelos Braga Yhulds Giovani Pereira Bueno	
DOI 10.22533/at.ed.1941914058	
CAPÍTULO 9	109
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL RURAL: ANÁLISE DA HETEROGENEIDADE SOCIOECONÔMICA NO TERRITÓRIO DAS ÁGUAS EMENDADAS	
Karina Palmieri de Almeida Clesio Marcelino de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.1941914059	
CAPÍTULO 10	123
DINÂMICA DAS COMPRAS PÚBLICAS PARA O PNAE DIRETAMENTE DO AGRICULTOR FAMILIAR: ESTUDO DE CASO EM MUNICÍPIOS DA PARAÍBA	
Jucimar Casimiro de Andrade Fernando Salvino da Silva Larissa Petrusk Santos Silva Rodolfo Donizeti C. de Albuquerque Rocha Robson José Silva Santana	
DOI 10.22533/at.ed.19419140510	
CAPÍTULO 11	141
EFEITO DA FINANCEIRIZAÇÃO SOBRE A PRODUTIVIDADE DO TRABALHO	
Luccas Assis Attílio	
DOI 10.22533/at.ed.19419140511	
CAPÍTULO 12	159
FINANCIAMENTO DO TRATAMENTO ONCOLÓGICO EM PERNAMBUCO: UMA ANÁLISE DOS HOSPITAIS PRIVADOS E PÚBLICOS DA REDE SUS	
Ivaldo Dantas de França Roseane da Silva Lemos Tiago Rafael de Sousa Nunes Maira Galdino da Rocha Pitta	

Moacyr Jesus Barreto de Melo Rêgo

DOI 10.22533/at.ed.19419140512

CAPÍTULO 13 168

GASTOS PÚBLICOS ESTADUAIS EM EDUCAÇÃO E QUALIDADE DO ENSINO MÉDIO

Francisco Antonio Sousa De Araujo

José Fernando Frota Cavalcante

Jose Maria Da Cunha Junior

Paulo De Melo Jorge Neto

DOI 10.22533/at.ed.19419140513

CAPÍTULO 14 185

IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS FATORES CRÍTICOS DE SUCESSO DE GESTÃO DA PRODUÇÃO DO CAFÉ POR INDICAÇÃO GEOGRÁFICA

Luisa Amelia Paseto

Luísa Paseto

Aloísio dos Santos Espindola

Felipe Bellodi Bellini

DOI 10.22533/at.ed.19419140514

CAPÍTULO 15 199

IMPLANTAÇÃO DOS NÚCLEOS DE ECONOMIA DA SAÚDE NOS HOSPITAIS ESTADUAIS – O CASO DE PERNAMBUCO, BRASIL, 2016

Inês Eugênia Ribeiro da Costa

Roseane da Silva Lemos

Priscila Rossany de Lira Guimarães Portella

Geraldo Eduardo Vieira de Barros Puça

Ana Claudia Callou Matos

DOI 10.22533/at.ed.19419140515

CAPÍTULO 16 209

INOVAÇÃO E MUDANÇA ESTRUTURAL NA DINÂMICA CAPITALISTA: UMA ABORDAGEM EVOLUCIONÁRIA

Flávia Félix Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.19419140516

CAPÍTULO 17 225

INSTITUIÇÕES E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA ABORDAGEM INSTITUCIONALISTA

Sivanildo José de Almeida

Ricardo Lacerda de Melo

Fernanda Esperidião

DOI 10.22533/at.ed.19419140517

CAPÍTULO 18 241

INTERFACES TEÓRICO-ANALÍTICAS ENTRE ECONOMIA SOLIDÁRIA E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Kátia de Fátima Vilela

Alair Ferreira de Freitas

Rodney Alves Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.19419140518

CAPÍTULO 19	263
O COMERCIO E A PRODUÇÃO DE CARNE EQUINA NO BRASIL	
Brenda Alves dos Santos	
Camila Raineri	
Eleonice Aparecida dos Santos Alves	
Mahara Moreira Marquez	
DOI 10.22533/at.ed.19419140519	
CAPÍTULO 20	275
O DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO PERÍODO RECENTE: 2005 -2016	
Raquel Pereira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.19419140520	
CAPÍTULO 21	287
O PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA COMO INOVAÇÃO PARA REDUÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL	
Ana Lígia Passos Meira	
Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes	
Saulo Bezerra Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.19419140521	
CAPÍTULO 22	294
POBREZA EM SUAS MULTIDIMENSÕES: UMA ANÁLISE ECONOMETRICA DA REGIÃO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL	
Ohanna Larissa Fraga Pereira	
Caroline Lucion Puchale	
DOI 10.22533/at.ed.19419140522	
CAPÍTULO 23	307
PREVISÕES DO PREÇO DA ARROBA DO BOI GORDO: UM APLICAÇÃO DO MODELO ARIMA EM FUTUROS AGROPECUÁRIOS	
Paulo Fernando Taveira Maselli	
Sabrina Soares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.19419140523	
CAPÍTULO 24	318
PRINCÍPIOS AGROECOLÓGICOS E SOLIDÁRIOS NA COMUNIDADE BARRO, SERRINHA-BA: FAZENDO PESQUISA-AÇÃO COMO PROCESSO EDUCATIVO	
Edeilson Brito de Souza	
Glauciane Pereira dos Santos	
Iaçanan Carneiro de Jesus	
Carla Teresa dos Santos Marques	
Heron Ferreira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.19419140524	
CAPÍTULO 25	332
REDUÇÃO DE CUSTOS NO SETOR DE NUTRIÇÃO DE UM HOSPITAL REGIONAL A PARTIR DA INTERVENÇÃO DO NÚCLEO DE ECONOMIA DA SAÚDE	
Bruna Maria Bezerra de Souza	
Angélica Barbosa Arruda Patriota	
Inês Eugênia Ribeiro da Costa	
Roseane da Silva Lemos	

CAPÍTULO 26 338

REGULAÇÃO E PERCEPÇÃO DA QUALIDADE E CONSUMO DO QUEIJO DE COALHO ARTESANAL NO AGRESTE DE PERNAMBUCO

Girleno Costa Pereira

DOI 10.22533/at.ed.19419140526

CAPÍTULO 27 354

SISTEMAS DE INFORMAÇÃO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA: TEMPO GASTO E NECESSIDADE NA PERCEPÇÃO DOS ENFERMEIROS

Jobson Maurilio Alves dos Santos

Flavia Emilia Cavalcante Valença Fernandes

Mayra Cavalcante do Nascimento

Milena Souza dos Santos

Palloma Lopes de Arruda

Rafaela de Oliveira Xavier

Rosana Alves de Melo

DOI 10.22533/at.ed.19419140527

CAPÍTULO 28 361

SUSTENTABILIDADE EM AGROINDÚSTRIAS: ALTERNATIVAS PARA EVITAR O DESPERDÍCIO DE RESÍDUOS AGROINDUSTRIAIS DO PEDÚNCULO DE CAJU - UMA REVISÃO DE LITERATURA

Wesley Fernandes Araújo

Lindalva de Moura Rocha

Inês Maria de Souza Araújo

Gabriela Almeida de Paula

Leanne Silva de Sousa

Matheus Fernandes Folha

Luciano Borges da Rocha Filho

Reijaner Vilanova Araújo

DOI 10.22533/at.ed.19419140528

CAPÍTULO 29 383

COMPARAÇÃO DE ORÇAMENTOS ENTRE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO CIVIL CONVENCIONAIS E NÃO CONVENCIONAIS DE UM PROJETO DE RESIDÊNCIA OFERECIDO PELA COHAB DE SANTA CATARINA COM APLICAÇÃO NA REGIÃO DE RIO-MAFRA

Eduardo Francisco Pimentel

Olaf Graupmann

DOI 10.22533/at.ed.19419140529

SOBRE A ORGANIZADORA..... 397

O DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO PERÍODO RECENTE: 2005 -2016

Raquel Pereira de Souza

Universidade Federal Fluminense, Departamento de Engenharia de Agronegócios
Volta Redonda – Rio de Janeiro

RESUMO: O desempenho das exportações está vinculado ao comportamento dos preços externos e as quantidades exportadas, uma vez que são essas variáveis que determinam o valor exportado. A partir de 2002 o valor exportado brasileiro, principalmente, de *commodities* cresceu de forma vertiginosa, sendo que este processo estaria se revertendo a partir de 2012. Assim, o presente artigo tem por objetivo analisar a dinâmica da pauta exportadora brasileira referente ao período de 2005 a 2011 e 2012 a 2016, sendo encontrado no primeiro período citado um aumento do valor exportado e no segundo período um decurso do valor exportado. Para tanto será realizado a análise da pauta exportadora por meio da divisão dos produtos em *commodities* e produtos diferenciados e a partir de Índices de Preços, *Quantum* e Valor, identificando se teria sido a quantidade exportada ou os preços que determinaram a evolução do valor exportado dos dois grupos de produtos. Essa análise permitirá ainda responder se no período considerado o Brasil teria passado por um processo de reprimarização das exportações e se teria

havido no período analisado o desenvolvimento (ou fortalecimento) da “Doença Holandesa” no país. Os resultados apontam que seria a variável preço que estaria respondendo pelos valores exportados entre 2005 e 2016, seja dos produtos diferenciados seja das *commodities*, mesmo diante de um contexto de redução do valor exportado, e que o país, além de estar passando por um processo de reprimarização da pauta de exportação, teria ainda fortalecido entre 2005 e 2011 o processo de “Doença Holandesa”.

PALAVRAS-CHAVE: exportações, *commodities*, preços, quantidades, Doença Holandesa.

THE PERFORMANCE OF BRAZILIAN EXPORTS IN THE RECENT PERIOD: 2005 - 2016

ABSTRACT: The performance of exports is linked to the behavior of external prices and the quantities exported, since these variables determine the exported value. Starting in 2002, the value of brazilian exportation, mainly of *commodities*, has grown dramatically, and this process would be reversing from 2012. Thus, the present article aims to analyze the dynamics of the Brazilian export tariff for the period of 2005 to 2011 and 2012 to 2016, being found in the

first period an increase in the exported value and in the second period a depreciation of the exported value. For this purpose, the analysis of the export tariff will be carried out through the division of products into commodities and differentiated products and from Price, Quantum and Value Indices, identifying whether the amount exported or the prices that determined the evolution of the exported value of two groups of products. This analysis will also allow us to answer whether, during the period under consideration, Brazil would have undergone a process of reprimarization of exports and the development (or strengthening) of the “Dutch Disease” in the country would have occurred during the analyzed period. The results indicate that it would be the price variable that would be responding to the values exported between 2005 and 2016, be it differentiated products or commodities, even in the context of a reduction in the value exported, and that the country, besides going through a process reprimarization of the export agenda, would have strengthened the “Dutch Disease” process between 2005 and 2011.

KEYWORDS: exports, commodities, prices, quantities, Dutch Disease.

1 | INTRODUÇÃO

Desde 2012 o desempenho da balança comercial brasileira tem sido ruim comparativamente aos anos anteriores. Esse comportamento foi decorrente da redução das exportações, mas também do aumento das importações. As exportações vinham em ritmo de crescimento em termos de valor (com exceção de 2009) até 2012. A partir de 2013 as exportações passam a cair gradativamente.

No cerne destes movimentos de ascensão e queda das exportações alternam-se momentos de prosperidade e de crises internacionais e/ou nacionais, que interferem de forma diferenciada sobre os movimentos de preços e quantidades dos produtos exportados, tendo em vista seu grau de diferenciação. O desempenho das exportações está atrelando tanto a quantidade exportada quanto ao preço recebido pelos produtos, uma vez que são essas duas variáveis que definem o valor exportado.

Diante deste contexto, torna-se possível investigar se a quantidade (*quantum*) ou o preço foram determinantes no desempenho das exportações de *commodities* e de produtos diferenciados seja em períodos de aumento ou de redução das exportações. Nos períodos de ascensão das exportações, o crescimento do valor exportado de *commodities* seria determinado pelo volume exportado, enquanto no caso dos produtos diferenciados seria determinado pelos preços praticados. E no período de queda das exportações a recíproca seria verdadeira? Ou seja, seriam os preços que puxariam a queda no valor exportado dos produtos diferenciados e a quantidade exportada puxaria a queda do valor exportado das *commodities*?

Outro aspecto que tem periodicamente retornado ao debate acadêmico acerca da pauta de exportação é o fato do Brasil estar ou não rumando para o desenvolvimento da “Doença Holandesa”. Para Bresser-Pereira, Marconi e Oreiro

(2014) a Doença Holandesa seria a sobreapreciação da taxa de câmbio de um país resultante da existência de recursos naturais abundantes e baratos que garantem rendas extraordinárias aos países que os possuem e exportam as *commodities* com eles produzidas, a qual poderia dificultar a industrialização de um país, uma vez que a sobrevalorização cambial gerada pela entrada de recursos das exportações dos recursos abundantes levaria a uma redução das exportações de industrializados minando o desenvolvimento da indústria. Nesse caso, a ocorrência da Doença Holandesa levaria a uma taxa de crescimento cada vez maior das exportações de *commodities* comparativamente as exportações de produtos diferenciados levando a uma reprimarização das exportações. Nesse sentido, seria possível identificar o desenvolvimento (ou fortalecimento) da “Doença Holandesa” no Brasil durante o período de ascensão das exportações (2005 a 2011)?

A partir do exposto o presente trabalho tem por objetivo analisar qual tem sido o comportamento das exportações brasileiras considerando o período de ascensão das exportações que iria de 2005 a 2011 (com exceção de 2009) e de decesso que vai de 2012 a 2016, buscando responder aos seguintes questionamentos: quais foram as participações do *quantum* e do preço para ao aumento e redução do valor exportado nos períodos considerados? Durante o decesso das exportações seriam os preços que puxariam a queda no valor exportado dos produtos diferenciados e a quantidade exportada puxaria a queda do valor exportado das *commodities*? É possível identificar o desenvolvimento (ou fortalecimento) da “Doença Holandesa” no período analisado?

2 | AS *COMMODITIES* E A DOENÇA HOLANDESA NO BRASIL.

As *commodities* são produtos padronizados que tem os preços determinados em mercados concorrenciais (o produtor não tem controle sobre os preços), sendo a liderança em custo à estratégia competitiva para quem opera nesses mercados, dessa forma, o volume comercializado é determinante para a garantia de sua lucratividade. Já os produtos diferenciados, por terem características particulares e valorizadas pelos consumidores, tem seu preço definido pela empresa detentora da marca, assim a lucratividade das empresas estaria atrelada mais ao preço do que ao volume exportado. Tendo isso em vista e dadas as características das *commodities* é de se esperar que os volumes exportados sejam mais determinantes no desempenho exportador do que o preço, sendo que no caso dos produtos diferenciados os preços seriam a variável chave para o desempenho exportador (Nakahodo e Jank, 2006).

Nesse mesmo sentido Prates (2007, p. 328) argumenta que as diferentes estruturas de mercado das *commodities* e dos produtos industrializados

“(…) também contribuem para a maior vulnerabilidade dos preços das *commodities* às flutuações cíclicas da demanda mundial”. Isso porque, enquanto a produção desses produtos é dominada por oligopólios com poder de forma preços — seja em função da diferenciação de produtos, seja do controle da oferta —, nos mercados

de *commodities* (por definição, produtos homogêneos) predominavam, de forma geral, estruturas competitivas, sendo seus produtores considerados tomadores de preços. Assim, nesses mercados os desequilíbrios entre oferta e demanda são ajustados, principalmente, via variação dos preços e não das quantidades (caso dos produtos industrializados)”.

Carneiro (2012) coloca que o padrão histórico dos períodos de elevação de preços das *commodities* sempre foi marcado por forte intensidade e curta duração. Prates (2007) coloca ainda que os períodos de prosperidade econômica são, de forma geral, acompanhados por altas de preços relativos das *commodities* enquanto nos períodos de retração haveria declínio dos preços, em decorrência das matérias-primas agrícolas, bem como, os metais serem insumos da produção industrial, de oferta relativamente rígida no curto prazo.

Nesse sentido, em períodos de prosperidade econômica o aumento da demanda por *commodities* poderiam implicar na exacerbação do chamado Mal dos Recursos Naturais ou a chamada “Doença Holandesa”.

As razões que explicam o porquê certos países exportam determinados tipos de produtos podem ser buscadas em diferentes teorias. Dentre estas destaca-se a Teoria da Dotação Relativa de Fatores, cuja ideia central é que o comércio internacional seria explicado pelas diferenças de dotação de fatores de produção entre os países, assim, os países tendem a exportar (importar) bens cuja produção dependa da abundância (escassez) dos fatores produtivos (terra, trabalho e capital). A partir desse ponto de vista, é possível supor que o sucesso do Brasil nas exportações do agronegócio estaria calcado na dotação abundante de terra e demais recursos naturais comparativamente aos demais fatores de produção.

Contudo, a competitividade que a abundância de fatores de produção pode dar a um país em nível internacional, pode gerar, no longo prazo, a chamada a “Doença Holandesa” a qual sugere que a superexploração comercial do fator intensivo levaria a valorização cambial, levando a um processo de desindustrialização. Para Bresser-Pereira, Marconi e Oreiro (2014, p. 23) “(...) Ela poderia obstruir permanentemente a industrialização de um país caso este ainda não tenha se industrializado, uma vez que a sobrevalorização cambial gerada pela entrada de recursos das exportações dos recursos abundantes levaria a uma redução das exportações de industrializados minando o processo de industrialização”.

Certamente que afirmar que somente a exportação de *commodities* é a causa da desindustrialização seria uma deturpação da realidade, pois outros fatores, como a falta de política tecnológica e científica, má conservação da infraestrutura, altos impostos e juros, elevada abertura comercial podem contribuir para a desindustrialização (Strack e Azevedo, 2013). Segundo Bresser-Pereira (2008) a Doença Holandesa estaria presente no Brasil há muito tempo, tendo momentos mais evidentes e outros menos. Segundo o autor a partir de 2002, a Doença teria se agravado, pois houve à melhoria das relações de troca que viabilizou uma taxa de câmbio ainda mais apreciada

sem prejuízo para a exportação das *commodities*. Por outro lado, como em muitas indústrias as tarifas de importação ainda seriam altas, então estes ficariam protegidos da concorrência internacional, por isso aqui no Brasil a Doença se apresentaria de maneira gradual.

A combinação de políticas macroeconômicas e medidas liberalizantes, que apreciam o câmbio, teriam feito com que o Brasil contraísse a “Nova Doença Holandesa”, pois estas medidas modificaram o padrão de especialização internacional, direcionando a pauta de exportações para a venda de produtos primários e de bens industrializados intensivos em recursos naturais (Strack e Azevedo, 2013).

3 | METODOLOGIA

Inicialmente é importante explicitar as razões do recorte temporal. O período de 2005 a 2016 envolve dois momentos distintos do comércio internacional brasileiro: um primeiro momento de ascensão das exportações brasileiras, fruto do crescimento do mercado chinês, mas também de prosperidade econômica mundial e um segundo momento com a redução do crescimento chinês, mas também desaquecimento da economia de forma global. Portanto, a escolha do período envolveu justamente o fato de envolver um período da ascensão e de queda das exportações num contexto de prosperidade e de subsequente crise e assim ser possível observar mais detidamente o comportamento de preços e quantidade em ambos os períodos para os diferentes tipos de produtos, segundo intensidade tecnológica.

Para analisar a dinâmica das exportações entre 2005 e 2016 inicialmente os produtos que compõem a pauta de exportação brasileira e que fazem parte da NCM (Nomenclatura Comercial do Mercosul) foram classificados em: i) *commodities* separados segundo: produtos do agronegócio, combustíveis e minerais, como recomendado pela UNCTAD (2004) e ii) produtos diferenciados separados segundo: alta, média e baixa tecnologias, conforme apresentado pelo SITC (*Standard International Trade Classification*) Review 3 proposto pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, s/a).

Na sequência foram levantados os dados de 2005 a 2016 sobre exportações brasileiras segundo os grupos de produtos citados anteriormente. Esses dados estão disponíveis no site Alice Web (<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>).

Após essa etapa foram calculados os índices de preço, *quantum* e valor para cada grupo de produtos (produtos do agronegócio, combustíveis e minerais e alta, média e baixa tecnologias) para o período de 2005 a 2016. O índice de preços foi calculado segundo a metodologia de Pinheiro e Motta (1991) onde é proposta a utilização de um índice de Fisher na qual os preços de um bem em determinado período são comparados com os preços do mesmo bem em um período-base. Assim, o índice de preços do período 1 em relação ao período anterior (0) é obtido pela equação:

$$I_p^{0,1} = \{[(\sum p_i^1 \cdot x_i^0) / (\sum p_i^0 \cdot x_i^0)] \cdot [(\sum p_i^1 \cdot x_i^1) / (\sum p_i^0 \cdot x_i^1)]\}^{1/2}$$

De posse desses

onde:

p é o preço médio do bem *i* em cada período

x é o peso em toneladas exportados do bem *i* em cada período.

E o índice de quantum é obtido pela equação

$$I_q^{0,1} = \{(\sum v^1 / v^0) / I_p^{0,1}\}$$

Onde

v é o valor FOB da exportação em cada período.

O índice de valor foi calculado a partir de

$$I_v = I_p \cdot I_q \text{ onde}$$

I_p = índice de preços e

I_q = índice de quantidade

A partir do cálculo dos números índices de *quantum*, de preços e de valor foram calculadas as taxas de crescimento anual das exportações para os grupos de produtos (produtos do agronegócio, combustíveis e minerais e alta, média e baixa tecnologias) para os períodos de 2005 a 2011 e 2012 a 2016.

A taxa de crescimento anual do valor exportado foi calculada a partir da fórmula $= [(VF/VI)^{1/n} - 1] \cdot 100$ onde VF = valor final da variável valor exportado, VI = valor inicial da variável valor exportado e *n* é o número de anos do período considerado. No caso da taxa de crescimento anual do *quantum* a fórmula de cálculo é $= [(VF/VI)^{1/n} - 1] \cdot 100$ e para a taxa de crescimento anual do preço a fórmula de cálculo é $= [(VF/VI)^{1/n} - 1] \cdot 100$.

A partir dos resultados encontrados nas etapas anteriores foram elaboradas as análises das informações comparando os resultados com análises similares realizadas por outros autores.

4 | O COMPORTAMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS: ANÁLISE DOS RESULTADOS.

As exportações, principalmente, vinculadas as *commodities* agropecuárias sempre foram uma fonte de dinamismo econômico para o Brasil. Em período recente, entre os anos de 2005 até 2011, não foi diferente (Gráfico 1), com exceção de 2009, onde houve uma redução das exportações decorrente da crise norte-americana. Contudo, a partir de 2012 as exportações passam a cair gradativamente até 2016.

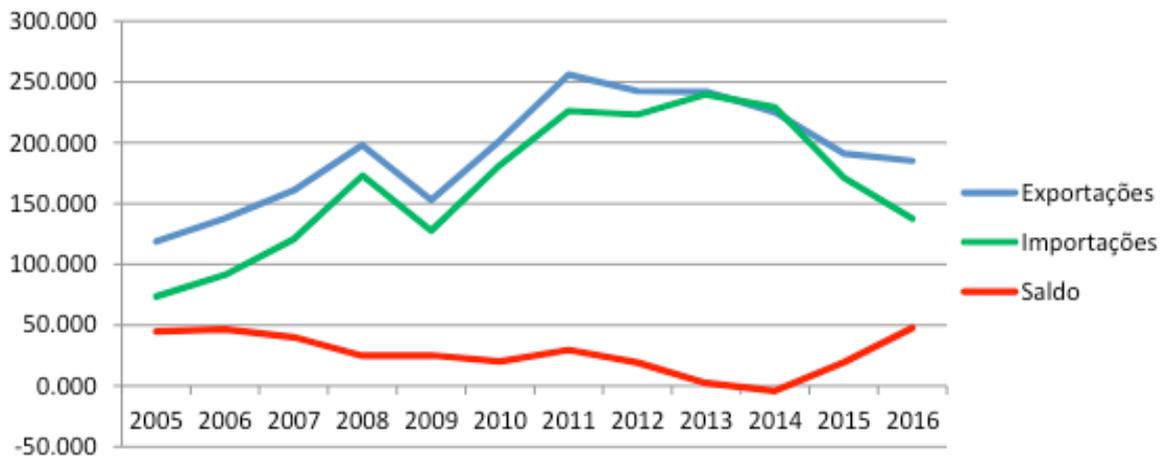


Gráfico 1 – Balança Comercial Brasileira – 2005-2016 (US\$ Bilhões)

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC).

Em termos de valor, a evolução das exportações depende do comportamento dos preços e das quantidades exportadas. No período analisado (Gráfico 2) as *commodities* tiveram seu comportamento determinado pelos preços, sendo que o *quantum* tendeu a redução (exceto 2009) até 2012. Da mesma forma, o comportamento das exportações dos produtos diferenciados foi explicado pela variável preço. Contudo, a partir de 2012, o índice de preços das *commodities* passa a declinar e o índice de *quantum* se mantém relativamente estável indicando que a queda das exportações das *commodities* é explicada pela redução dos preços. Porém, é importante destacar que mesmo em queda, até 2016, é a variável preço que ainda responde pela maior parte do comportamento das exportações das *commodities*.

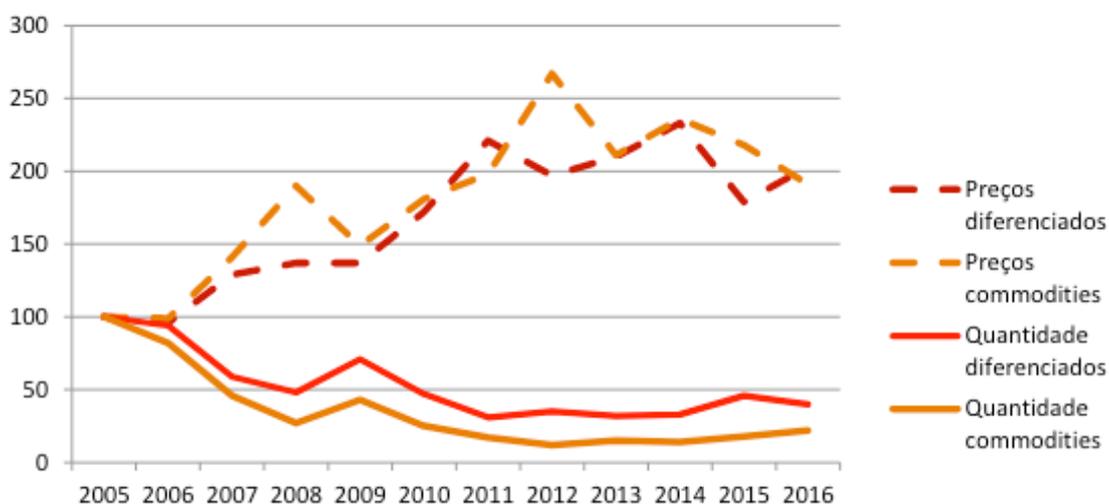


Gráfico 2 - Índices de preços e quantum das exportações brasileiras, segundo produtos diferenciados e commodities entre 2005-2016.

Fonte: AliceWeb

Elaboração: as autoras.

Dentre os grupos de produtos com diferentes intensidades tecnológicas (Gráfico 3) foram os produtos do agronegócio os que tiveram maior crescimento decorrente da variação de preços até 2012. Após esse ano também foram os produtos do agronegócio que tiveram a maior redução dos preços.

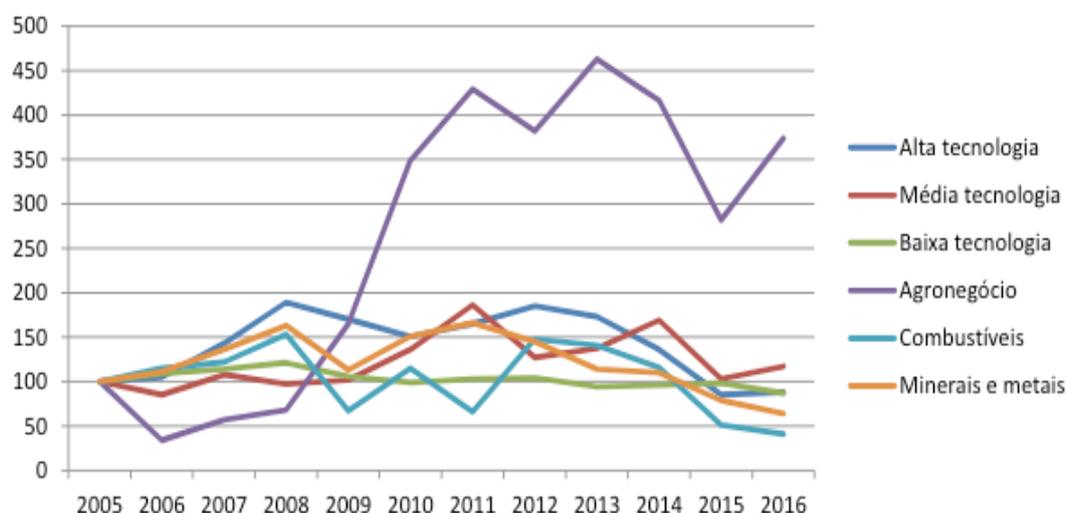


Gráfico 3 - Evolução do índice de preços das exportações brasileiras, segundo intensidade tecnológica - 2005 a 2016.

Fonte: AliceWeb

Elaboração: as autoras

Resumindo são os preços que determinam o desempenho exportador tanto das *commodities* quanto dos produtos diferenciados ao longo do período analisado. Mesmo no período de redução das exportações, a partir de 2012 são os preços que levam a queda do valor exportado. O Índice de *quantum* apresenta uma oscilação muito pequena a partir de 2012, corroborando que foram os preços que derrubaram o valor exportado. Assim, a análise do comportamento dos índices de preços e de *quantum* no período analisado é contrária a aquela encontrada por Nakadodo e Jank (2006) que identificaram, a partir do mesmo tipo de análise para dados de 1996 a 2005, que foi o índice de *quantum* quem mais influenciou o valor exportado.

O crescimento chinês tem sido apontado como o principal fator que determinou a alta dos preços das *commodities* após 2002 (Cepal 2011), destacadamente as *commodities* agropecuárias. A escassez de terra arável associada ao aumento da demanda por alimentos e *commodities* agrícolas, em função do crescimento populacional e do aumento da renda, bem como, a redução da proteção do setor agrícola com a entrada da China na OMC impulsionaram as importações desses bens (Prates, 2007).

Prates e Marçal (2008) indicam que o melhor desempenho exportador do país em *commodities* está vinculado ao movimento de alta de preços destes bens, acarretando um efeito direto de aumento do valor exportado e indireto via aumento de *quantum*, ao tornar mais atrativa à remuneração dos exportadores. Contudo, o Índice de *quantum*

das *commodities* (Gráfico 2) apresenta queda na maior parte do período analisado, somente apresentando um leve aumento a partir de 2012. Portanto, o efeito indireto de aumento do *quantum* não foi claramente identificado neste caso.

Contudo, entre 2012 e 2013 a desaceleração econômica na China associada às repercussões negativas da crise norte americana no mundo reduziram a demanda por matérias-primas, inclusive as agropecuárias derrubando os preços internacionais (Justo, 2013).

Uma das consequências da alta dos preços das *commodities* no período analisado seria a exacerbação do processo de reprimarização da pauta de exportação (Gráfico 4). De Negri e Alvarenga (2011) apontam que esse movimento de reprimarização da pauta de exportações brasileiras teria se acentuado com a crise e com o crescimento chinês. Assim, apesar da redução das exportações a partir de 2012, os altos níveis de preços a que chegaram as *commodities* elevaram a participação desses produtos nas exportações brasileiras aos níveis mais elevados durante o período analisado. Em 2005 (Gráfico 4) cerca de 47% das exportações brasileiras eram de *commodities*, percentual este que alcançou 64% em 2011 e 68% em 2013.

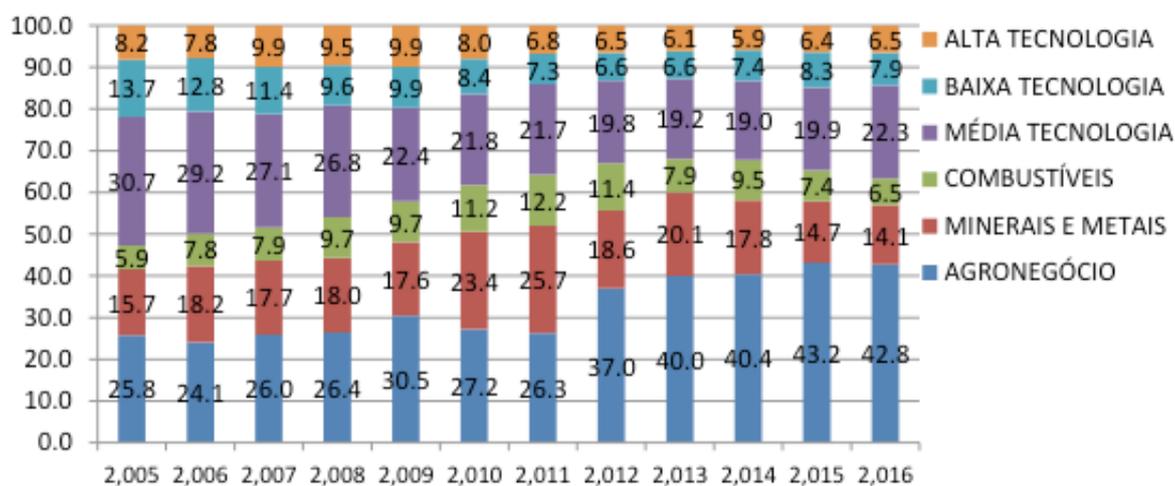


Gráfico 4- Segmentação das exportações brasileiras, segundo intensidade tecnológica - 2005 a 2016.

Fonte: AliceWeb

Elaboração: autores

A reprimarização da pauta de exportação poderia estar ocasionando no país a chamada “Doença Holandesa”, que no limite provocaria um movimento de desindustrialização (Bresser-Pereira e Marconi, 2009). Uma das formas de evidenciar esse processo é através da comparação do desempenho das exportações das *commodities* e dos produtos diferenciados (Nakadodo e Jank, 2006; Bresser-Pereira e Marconi, 2009), uma vez que diante de um processo de Doença Holandesa o crescimento em ritmo acelerado das exportações contribuiria para uma sobrevalorização cambial e assim uma piora no desempenho das exportações menos competitivas (produtos

diferenciados). Assim, entre 2005 e 2011 o crescimento anual do valor das exportações (Tabela 1) dos produtos diferenciados cresceu a uma taxa bem inferior (0,7%) a das *commodities* (12,7%), indicando que neste período teria havido, considerando somente este indicador, o desenvolvimento (ou fortalecimento) da Doença Holandesa no Brasil.

	2005-11	2012-16
Alta tecnologia	3,8%	-12,2%
Média tecnologia	1,5%	-10,1%
Baixa tecnologia	-3,6%	-8,3%
Total diferenciados	0,7%	-10,1%
Agronegócio	7,5%	-9,0%
Combustíveis	21,0%	-23,8%
Minerais e metais	16,4%	-18,2%
Total <i>commodities</i>	12,7%	-13,5%
Todos os produtos	7,2%	-12,3%

Tabela 1 – Taxa de Crescimento Anual do Valor das Exportações (% a.a), por conteúdo tecnológico e períodos.

Fonte: AliceWeb

Elaboração: as autoras

Assim, vale ressaltar que o movimento de alta dos preços, identificado durante o período analisado, estaria levando a um processo de especialização da pauta da exportação em *commodities* como indicado por Bresser-Pereira (2008). Ou seja, estaria acentuando uma característica já presente na pauta de exportação brasileira.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde início dos anos dois mil as exportações do agronegócio elevaram em muito as exportações brasileiras, tendo como motor desse processo o crescimento chinês e, portanto, elevação da demanda e de preços no mercado mundial. Essa realidade confronta-se com que, em geral, se espera do setor agroexportador, ou seja, que o valor das exportações responda mais a estímulos das quantidades e não de preços como no caso de produtos diferenciados. Contudo, estamos diante de um período de um ciclo de preços altista, que mesmo diante de uma queda a partir de 2012, ainda se apresenta em patamares relativamente elevados.

Porém, essa alta dos preços tem acentuado o processo de reprimarização da pauta de exportações brasileiras, o que vai contra os esforços de desenvolvimento de setores de maior valor agregado. E essa tendência se fortaleceu ainda mais no período de queda dos preços a partir de 2012, o que poderia indicar que o ciclo altista ainda não se esgotou, uma vez que ainda são os preços altos que tem determinado o comportamento exportador das *commodities*. Como coloca Prates (2007) é difícil dimensionar até quando persistirá a tendência altista dos preços, porém, não é difícil de acreditar os preços retornem a cair, como já vinha acontecendo desde 2012.

A especialização produtiva da pauta de exportações em commodities (a chamada reprimarização da pauta), decorrente, principalmente do ciclo de alta desses preços foi um aspecto presente ao longo do período analisado, contudo, essa tendência se acentuou após 2012, quando há redução do valor exportado, nesse sentido, fica a dúvida: quais as razões que teriam levado a esse processo ainda maior de especialização da pauta após 2012?

Por fim, o ciclo altista de preços estaria também fortalecendo a chamada Doença Holandesa, que segundo Bresser-Pereira e Marconi (2009), já existira no Brasil há tempos e que no limite, levará o país a desindustrialização. Essa tendência de fortalecimento da Doença Holandesa foi identificada neste trabalho para o período 2005 a 2011, a partir da elevada taxa de crescimento das exportações de *commodities* em detrimento dos produtos diferenciados. Contudo, maior clareza sobre esse processo seria necessária, uma vez que há uma ampla gama de indicadores que demonstram e caracterizam a presença da Doença Holandesa e que não foram analisadas no presente trabalho.

REFERÊNCIAS

BRESSER-PEREIRA, L. C. **A Doença Holandesa e sua Neutralização**: Uma abordagem Ricardiana. Revista de Economia Política, 28:47–71, 2008.

BRESSER-PEREIRA, L. C.; MARCONI, N.. **Existe doença Holandesa no Brasil?** Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/papers/2008/08.14.Existe.doen%C3%A7a.holandesa.comNelson.Marconi.5.4.08.pdf>> Acesso em: 29 nov. 2017.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; MARCONI, Nelson; OREIRO José Luís. **Doença holandesa**. Structuralist Development Macroeconomics, Londres: Routledge, 2014.

CARNEIRO, R. de M. **Commodities, choques externos e crescimento**: reflexões sobre a América Latina. División de Desarrollo Económico. Santiago: CEPAL, Série macroeconomía del desarrollo, 111. 2012.

CEPAL. **La Republica Popular da China y America Latina e Caribe**: hacia una nueva fase em el vinculo económico y comercial. Santiago: Cepal, 2011.

DE NEGRI, F. ALVARENGA, G. V. **A primarização da pauta de exportações no Brasil**: ainda um dilema. Radar: tecnologia, produção e comércio exterior n, 13. IPEA, 2011.

FURTADO, J. **Muito além da especialização regressiva e da doença holandesa**: oportunidades para o desenvolvimento brasileiro. Novos estudos - CEBRAP, São Paulo, n. 81, p. 33-46, jul. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002008000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 nov. 2017

JUSTO, M. **Queda das commodities sugere fim de ciclo de crescimento na América Latina**. BBC Mundo. Maio, 2013.

NAKAHODO, Sidney N; JANK, M.S. **A nova dinâmica das exportações brasileiras**: preços, quantidades e destinos. São Paulo. Revista de Economia & Relações Internacionais, vol. 5(9), jul. 2006.

OECD **Commodity Indexes for the Standard International Trade Classification, Revision 3**, United Nations, New York, Statistical Papers, Series M, No. 38/Rev. 2, Vol. 1. s/a. Disponível em < <http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?CI=14&Lg=1> >

PINHEIRO, A. C; MOTTA, R. S. **Índices de exportação para o Brasil: 1974/1988**. Pesquisa e Planejamento Econômico, v. 21, n. 2, ago., 1991.

PRATES, D. .M. **A alta recente dos preços das commodities**. Revista de Economia Política, vol. 27, nº 3 (107), pp. 323-344, julho-setembro/2007.

PRATES, D. M.; MARÇAL, E. F. **O Papel do Ciclo de Preços das Commodities no Desempenho Recente das Exportações Brasileiras**. Revista Análise Econômica, Porto Alegre, v. 26, n. 49, p. 163-191, mar. 2008.

STRACK, D.; AZEVEDO, A. F. **Doença Holandesa no Brasil: Sintomas e efeitos**. Economia e Desenvolvimento. Santa Maria, v. 24, n. 2, jul./dez. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/eed/article/view/6432/pdf>> Acesso em: 29 nov. 2017.

UNCTAD. **Production and international trade of commodities: facts and figures**, Genebra, 2004. Disponível em < http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/ditctab2014d2_en.pdf>. Acesso em: 18/02/2016

SOBRE A ORGANIZADORA

Jaqueline Fonseca Rodrigues – Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, PPGEP/UTFPR; Especialista em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, PPGEP/UTFPR; Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG; Professora Universitária em Cursos de Graduação e Pós-Graduação, atuando na área há 15 anos; Professora Formadora de Cursos de Administração e Gestão Pública na Graduação e Pós-Graduação na modalidade EAD; Professora-autora do livro “Planejamento e Gestão Estratégica” - IFPR - e-tec – 2013 e do livro “Gestão de Cadeias de Valor (SCM)” - IFPR - e-tec – 2017; Organizadora do Livro “Elementos da Economia - 1” – e “Conhecimento na Regulação no Brasil” - Editora Atena – 2018 e 2019 e Perita Judicial na Justiça Estadual na cidade de Ponta Grossa – Pr.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-319-4

